

## Terapia Narrative no Brasil: Construindo História Preferidas de Norte a Sul

Marilene A. Grandesso

---

### Contextualizando: Uma Porta de Entrada

O que apresento neste artigo é apenas uma história possível. Sabemos que nenhuma história é única e, menos ainda, completa. Esta, como toda narrativa, foi construída por minha seleção de eventos no tempo, nos contextos em que tive a oportunidade de viver e aprender. O fio que tece esta linha de história é muito pessoal e tem as marcas dos significados que atribuí à experiência vivida, desde os anos 90. Assim, fossem outros os autores, outras histórias seriam possíveis. Como a vida, a Terapia Narrative no Brasil também é multihistoriada.

Quando Tom Carlson me convidou para escrever sobre a Terapia Narrative (TN) no Brasil com foco na terapia, honrada pela confiança, senti um misto de alegria e uma imensa responsabilidade. Como fazer jus a esta prática e aos terapeutas brasileiros que a desenvolvem e enriquecem com criatividade latina? Nascida no início dos anos 2000, a TN cresceu, floresceu e vem se transformando, desde a presença de Michael White e David Epston em território brasileiro. Primeiramente por seus escritos, aos quais tínhamos acesso apenas em inglês e, às vezes, em espanhol. Depois, pelo nosso espírito de mercadores ambulantes que nos convidava a ir ao encontro das oportunidades que surgiam, ainda que em outros países. Este artigo tem as marcas de meu envolvimento pessoal com essa prática, desde que, em 1991, Carlos Sluzki, num curso de terapia familiar em Massachusetts, apresentou Michael White como um jovem criativo que fazia da terapia uma espécie de exorcismo psicológico. Sluzki estava se referindo à prática das conversações externalizadoras, que separa a pessoa e o problema: o problema é o problema, a pessoa é a pessoa. Para nós brasileiros, na época, uma grande novidade.

Assim, não foi surpreendente que estivéssemos pela primeira vez com Michael White em Buenos Aires (Argentina), quando a Fundação Interfas organizou, em 1992, quatro dias de workshop com ele. Numa pequena sala da Fundação, o encantamento se apossou de nós brasileiras, em torno de umas 15 pessoas. A mim particularmente, o que mais me tocou foi uma apresentação que Michael fez

de um atendimento de um homem que vivia há muitos anos num hospital psiquiátrico e tinha acabado de tentar o suicídio. Sua história de desesperança narrava que sua vida não importava para ninguém e que, se ele morresse, ninguém precisaria ser avisado. Nas suas conversas com esse homem, Michael conseguiu resgatar dentre as histórias por ele vividas, as memórias de seu tempo de criança. Sua primeira professora foi reconhecida por esse homem como alguém para quem sua vida importava. Tivemos a oportunidade de assistir o vídeo em que essa professora, já idosa, narrava momentos em que aquele menino se destacava e o apreço que ela tinha por ele. Voltamos para o Brasil com as sementes pulsantes de uma inquietação para aprender mais e transformar nossa prática. Michael nos ajudou a considerar que todas as pessoas têm histórias de valor e o poder de legitimação de vidas e relações pelas narrativas de testemunhas externas. Na ocasião tivemos acesso a um fantástico artigo, denunciando práticas de poder subjugadoras de *selves* e relações. Ainda hoje, compartilho com meus alunos o artigo *Deconstruction nad Therapy* (White, 1991). Nele, Michael apresenta quatro sinopses de histórias de algum tipo de opressão, ajudando-nos a compreender que sempre há portas de entrada para histórias subordinadas que, uma vez historiadas, ajudam a desconstruir histórias dominantes saturadas de problema, possibilitando a construção de histórias preferidas de vidas legitimadas.

Seguimos estudando e, ao mesmo tempo, compartilhando com nossos alunos o que estávamos aprendendo. Um referencial para construirmos nosso caminho foi o primeiro livro publicado por Michael e David Epston - *Narrative means to therapeutic ends* (1990). Objetivar os problemas e não as pessoas, desenvolver a sensibilidade para ouvir traços nas histórias convidando a histórias de esperança. Muitas novidades foram surgindo com a metáfora narrativa. Nossa prática de terapia, gradativamente mudou seu foco de problemas para possibilidades, externalizando a influência dos discursos culturais nas narrativas dominantes saturadas de problemas, que, subliminarmente, constroem relações de poder. Michael e David ampliaram nossos horizontes e práticas terapêuticas, contribuindo para olharmos problemas como gritos de inconformismo, diante de valores desconsiderados, ou mesmo, ultrajados. Mais tarde pudemos ampliar nosso entendimento pelo precioso conceito de “o ausente, mas implícito” (White, 2007), resultado da presença das ideias de Derrida na terapia narrativa.

A terapia narrativa contribuiu para ampliar nossa compreensão das vidas e relações, ao convidar outros interlocutores, fora do mundo psi: Foucault, Derrida, Vygotsky, Geertz, Bachelar, Barbara Myerhoff, Bruner, dentre outros mais (Grandesso, 2011). Definida como uma prática pós-estruturalista, no Brasil, a terapia narrativa contribuiu para o desenvolvimento de relações terapêuticas valorizando o conhecimento local, respeitando os valores culturais e sensível a todas as formas de opressão. Para além dos diagnósticos e de uma visão psicopatologizante da vida, uma pudemos incorporar uma dimensão política para a terapia e expandi-la para além das paredes dos consultórios. Abandonando a ética do controle e abraçando a ética da colaboração, White (2007) manteve sempre numa postura de parceria respeitosa, descentrada, porém influente. E assim, seguimos nós.

### **Aprendendo com Nossos Mestres e uns com os Outros**

Apresento a seguir algumas das presenças marcantes no território brasileiro com quem pudemos aprender e criar possibilidades para nossas práticas narrativas. De antemão, esclareço que se trata de um recorte pessoal e, portanto, parcial. Está longe de estar completo. Meu critério foram as ressonâncias com minha própria experiência e a abertura para novas possibilidades, no contexto da terapia narrativa, conforme o pedido que me foi feito por Tom Carlson.

No ano de 2005, o Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NUFAC) trouxe para São Paulo Jill Freedman para um workshop de Práticas Narrativas na Terapia Familiar. Dentre outras coisas, Jill nos introduziu na arte de fazer perguntas para desenvolver histórias mais ricas a partir de “momentos brilhantes”. Com ela praticamos uma forma de escuta de relatos da vida cotidiana que nos ajudava a transformar nossas respostas em poesia. Neste mesmo ano, Silvia Rechulski e Ada Pelegrini Lemos, nos presentearam com o primeiro workshop de Michael White em território brasileiro, também em São Paulo. Na ocasião pudemos testemunhar uma consultoria que Michael fez com uma família brasileira. Acompanhamos uma relação terapêutica que respeitou os nossos valores culturais e a forma artesanal com que ele, através de suas perguntas nascidas da escuta atenta para traços nas histórias, foi abrindo possibilidades para que a família adentrasse territórios da vida não historiados. Michael nos permitiu acompanhar uma dança criativa entre seu posicionamento descentrado, porém

influyente e uma família renascendo para novas formas de vida. Pela primeira vez, pudemos participar como testemunhas externas. Como um parceiro genuinamente interessado e criativo, Michael contribuiu para que a família revisitasse suas experiências construísse novas e mais ricas histórias, abrindo as portas para novas possibilidades existenciais. Sem dúvida esse workshop foi um divisor de águas. Logo mais, em 2006, Michael esteve em Salvador (Bahia) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), uma grande contribuição para nós brasileiros, graças a Maria Angela Teixeira em Salvador e Consuelo Brun em Porto Alegre.

Ao voltar de Porto Alegre, iniciei em, 2006, em São Paulo, pelo INTERFACI, instituto que coordeno, um Grupo de Estudos Abertos e Contínuos sobre terapia narrativa. Organizado como uma comunidade de aprendizagem colaborativa, ainda hoje, 17 anos depois, aprendemos uns com os outros, seguindo nossos interesses de aprendizagem e aprofundamento e promovendo workshops de aprofundamento. Acima de tudo, nosso grupo é um incentivo para a criatividade. Uma das autoras presentes nesta Revista, Adriana Bellodi César, é uma das participantes do grupo.

Um outro acontecimento relevante para o desenvolvimento da Terapia Narrativa no Brasil, foi a presença de David Epston em 2007. Em dois workshops, um organizado em Salvador (Bahia), por Maria Ângela Teixeira e outro em Campinas, uma cidade próxima de São Paulo (SP), sob a responsabilidade do Instituto de Terapia de Família e Comunidade, ITFCCAMP. Um diferencial desses dois workshops foi a forma como David nos guiou “por dentro da entrevista”, numa prática narrativa criativa e inspiradora. A criatividade de David em sua escuta dialógica, despertou nossa curiosidade para possibilidades de perguntas que convidam a “magia”, as perguntas duende, conforme ele as denominou num dos workshops que pudemos assistir. David compartilhou um vídeo de um atendimento de um garoto de 14 anos Sebastian, do qual sua família e escola se tinham se demitido. Eu já havia assistido e me encantado com esse vídeo em Oslo, no ano de 2000. Histórias de agressões, cenas de violência, inúmeros episódios de condutas incompatíveis com uma vida em sociedade, tinham levado esse garoto para o internato numa instituição de saúde mental. Deixando de lado as histórias de problemas, David fez para o garoto, uma de suas “perguntas duende”: *“o que você acha que seu terapeuta me respondeu quando eu perguntei*

a ele, 'o que você mais respeita em Sebastian?' O que você acha que ele me disse?". Depois de muito pensar, o garoto conseguiu dizer algo de inédito, especialmente para alguém com as histórias que eram construídas sobre ele. Sebastian respondeu que seu terapeuta via nele um menino do bem. A conversa que seguiu depois trouxe dignidade e devolveu a liberdade para esse garoto institucionalizado. Esse trabalho terapêutico é para mim uma obra prima, cada vez que o vejo, convida-me à emoção e à esperança.

Uma das grandes incentivadoras das práticas narrativas no Brasil, foi Maria Ângela Teixeira. Essa pioneira apaixonada pelas práticas narrativas organizou inúmeros cursos, convidou vários terapeutas narrativos, dos pioneiros aos mais recentes, para que pudéssemos desenvolver nossas práticas. De Michael White e David Epston, passaram por Salvador (Bahia): Shona Russel, Mark Rayward, John Winslade, David Newman, David Denborough, dentre outros. Maria Ângela foi a principal e arrojada organizadora da 10th Conferência Internacional de Terapia Narrativa e Trabalho Comunitário: em Salvador, (Bahia) em 2011, junto com o Dulwich Centre, Além de receber participantes de várias partes do mundo, esse evento foi um testemunho vivo de quanto a terapia narrativa e trabalhos comunitários estavam já arraigados no solo brasileiro e apresentavam criativas produções com as marcas de nossa cultura.

Outra fonte incentivadora de nosso desenvolvimento na terapia narrativa e, especialmente nas práticas narrativas coletivas foi o trabalho parceiro entre Marlene Simonetti e Adriana Müller, no Espírito Santo em 2009. Ao convidarem David Denborough e Cheryl White para um workshop em 2009, contribuíram para o desenvolvimento das práticas narrativas coletivas no Brasil. Convidados novamente em 2010 pelo INTERFACi para um workshop em São Paulo, a Árvore da Vida, o Time da vida, dentre outras práticas, resultaram em um grande movimento de práticas e produções de conhecimento e contribuições para transformações sociais efetivas. Muitas metodologias criativas e inovadoras e vários projetos comunitários foram inspirados nas práticas narrativas coletivas. Não os estou incluindo aqui, por fugirem aos propósitos deste artigo. Os interessados podem ter uma mostra em Müller (2013) e Abdalla (Denborough & Abdalla, 2019). Considero que a vinda de Cheryl White e David Denborough foi a porta de entrada para o Instituto Reciclando Mentas do Rio de Janeiro (RJ), iniciar

um trabalho de intensa repercussão em território brasileiro, em parceria com o Dulwich Centre. Além de realizar eventos que estimulam as práticas coletivas, desde 2021, o instituto tem promovido em parceria com o Dulwich Centre, cursos de formação em práticas narrativas e trabalhos comunitários, iniciando sua quarta turma em 2024. A modalidade on-line tem possibilitado acesso de pessoas das mais variadas regiões desse nosso imenso país.

Quanto ao instituto INTERFACI, pudemos contribuir para a difusão das práticas narrativas no Brasil, além do Grupo de Estudos Aberto e Continuado iniciado em 2006, pelos workshops que organizamos. John Winslade, além de suas contribuições teórico-filosóficas, em que ressaltou as contribuições das ideias de Deleuze e Foucault para a prática da terapia narrativa, abriu possibilidades para integrarmos as práticas de conversação externalizadoras, de reautoria, andaime e as do ausente, mas implícito, a dupla escuta, à prática da terapia narrativa em situações de conflito. Depois Stephen Madigan, trouxe como uma grande contribuição a entrevista relacional. E, como nosso último workshop antes da pandemia, recebemos David Epston, Tom Carlson e Sanni Paljaca, com os quais pudemos refletir sobre como reimaginar as práticas narrativas. A abertura para testemunhas compassivos, a inclusão de documentos e a poesia ao processo terapêutico, foram propostas inovadoras que tiveram grande repercussão no nosso trabalho narrativo. Daí surgiram novas práticas e novas produções de conhecimento, como, por exemplo, (Paschoal & Pereira, 2022), usando cartas e poemas em processos reflexivos.

Durante a pandemia, tivemos a oportunidade de ampliar o número de participantes nos nossos workshops pela redução de custos que a modalidade online proporcionava. Assim, pelo INTERFACI, realizamos mais dois workshops, um com Marta Camplillo e outro com Tom Carlson, em 2020. Tom apresentou práticas narrativas contemporâneas com casais, mesclando histórias de justiça e de amor. E, finalmente, ainda na pandemia em 2022, David Marsten inovou nosso conhecimento com práticas de entrevista iniciadas pela maravilhosidade. E assim, temos seguido aprendendo e criando.

Além do já mencionado, uma forma criativa de divulgar a terapia e outras práticas narrativas nos dias de hoje, se apresenta em forma de um blog. Acessível e popular, Maria Ângela Teixeira ([www.narrativasterapeuticas.com.br](http://www.narrativasterapeuticas.com.br)), divulga

livros em português e navega, de poemas à arte numa abordagem narrativa. Mais recentemente, Ângela vem escrevendo sobre terapia narrativa e os sonhos, aqueles que temos “de olhos fechados”, como ela diz. Uma inovação de sua parte.

### **Incentivo e Produção de Conhecimento**

Um dos grandes entraves para a difusão do conhecimento advém das barreiras da língua. As produções originárias da terapia narrativa foram publicadas em inglês e depois em espanhol, desfavorecendo a inclusão de nossa comunidade de fala em português. Assim, a publicação de dois livros traduzidos para o português, (Morgan, 2007, Russell & Carey, 2007), foram de grande contribuição para difundir a terapia narrativa no Brasil. Simples e bem didáticos, acessíveis, pudemos introduzi-los nos nossos cursos de terapia familiar nos quais a terapia narrativa já vinha sendo divulgada desde o começo dos anos 2000. Quando em 2012, tivemos a oportunidade de ter traduzido para o português o último livro escrito por Michael White, *Maps of Narrative Practice* (White, 2007, 2012 em português), a terapia narrativa se expandiu pelo Brasil, de norte a sul. É importante ressaltar a importância da inclusão linguística, para a qual também já haviam contribuído as traduções pelo grupo Narrativa Brasil, responsável pelas publicações em português dos livros de Morgan (2007) e Russel e Carey (2007). Também impulsionaram a difusão das práticas, artigos de outros terapeutas como Winslade (2017) e Madigan (2018), publicados em livros em português organizados por mim (Marilene Grandesso). Tivemos que vencer as barreiras da linguagem, não somente para ter acesso ao que vem sendo feito e difundido em língua inglesa, mas para podermos difundir o que temos feito por aqui, em outro idioma.

Dentre as nossas produções, temos escrito capítulos de livros e artigos para nossas revistas mais afinadas com as propostas das práticas narrativas, como a *Nova Perspectiva Sistêmica*. Desde o ano 2000, em que foi publicado um artigo sobre uma terapia narrativa com criança, (Grandesso, 2000), temos publicados trabalhos narrativos com crianças (Grandesso, 2000, 2012; 2018, Cesar, 2008); com adolescentes (Lion, 2022, Lion et al, 2023); com doenças crônicas (Novis & Abdalla, 2012); com pacientes portadores de doenças mentais (Laurentino, 2017); com grupos de famílias (Almeida & Müller, 2014); sobre o uso de contos na

terapia narrativa (Novis, 2016) e projetos de co-pesquisa (Abdalla, 2020). Temos ainda alguns artigos teóricos (Grandesso, 2011, Paschoal & Grandesso, 2014, Cruz, 2008, Guimarães, 2007). Cumpre ressaltar que não está incluída aqui a vasta produção de artigos sobre práticas narrativas coletivas, o que escapa aos propósitos deste número da revista.

### **Finalizando: A Terapia Narrative no Brasil Efeitos Rizomáticos de uma Prática Transformadora**

Olhando para esse panorama que acabo de apresentar, dou-me conta de quanto caminhamos desde que a terapia narrativa foi introduzida para nós terapeutas brasileiros, na década de 1990. Desde Jill Freedman em 2001, quantos terapeutas narrativos estiveram conosco, contribuindo para nossa identidade como terapeutas narrativos! Para nós brasileiros, mais do que aprender uma nova prática de terapia, foi estar em diálogo constante com um universo de possibilidades de interlocução teórica e de realizar a terapia narrativa. Ouso dizer que somos muitos os terapeutas narrativos brasileiros. Esse artigo compartilha uma pequena amostra do que temos desenvolvido. Muitas práticas de terapia narrativa acabaram não sendo documentadas em textos e, assim, não puderam ser incluídas neste artigo. Os artigos que compõem essa revista são uma pequena mostra da criatividade dos terapeutas narrativos brasileiros, atuando nos mais distintos contextos e com as mais diferentes populações. Sensível aos valores da multiculturalidade brasileira, atentas às práticas de poder que oprimem pessoas e comunidades, nossas práticas se pautam por uma ética da colaboração. Quebrando a convencionalidade das terapias tradicionais, a terapia narrativa tem se mostrado como um conjunto de práticas transformadoras promovendo a libertação de formas de opressão que restringem possibilidades de existir com dignidade. Se estendêssemos este artigo para incluir as práticas narrativas coletivas, teríamos, nesse sentido, uma variedade de projetos, metodologias inovadoras e práticas transformadoras.

Termino expressando a gratidão não apenas para os nossos mestres que vieram compartilhar suas experiências conosco, mas também, e especialmente, para os profissionais brasileiros que promoveram o nosso acesso a cursos e workshops sobre terapia e outras práticas narrativas. Não posso deixar de nomear Maria Ângela Teixeira que, ousou e fez acontecer os primeiros cursos e workshops

desde 2005, apresentando-nos muitos terapeutas narrativos criativos e inspiradores que não teríamos conhecido, não fosse seu desejo de expandir as práticas narrativas no Brasil. Essa foi uma prática adotada também por algumas instituições tais como INTERFACI (São Paulo-SP), Reciclando Mentas (Rio de Janeiro-RJ), Crescent (Vitória-ES). Ao longo deste artigo, procurei honrá-los destacando algumas de suas contribuições. Conforme o desejo de White e Epston (1992), nossa cultura da terapia narrativa brasileira tem conseguido manter o espírito de aventura, e, acredito, temos conseguido enriquecer nossas vidas e as vidas das pessoas que têm buscado a nossa ajuda.

Das primeiras ilhas de terapia narrativa em nosso país, construímos arquipélagos e hoje podemos falar num continente que nos oferece uma plataforma de sustentação para criarmos e seguirmos adiante, nos nossos mais de 20 anos dedicados a aprender e praticar a terapia narrativa. Quero terminar ressaltando que a terapia narrativa definiu uma nova identidade para os terapeutas que abraçaram seus propósitos e se aventuraram a mergulhar numa nova concepção de terapia. Uma prática que, muito além do mundo psi, nos permite indignar contra as injustiças sociais e tomar uma posição contra os abusos de poder e práticas de subjugação de identidades, relações e vidas. Mas, acima de tudo, a terapia narrativa ajuda a manter acesa [...] “a chama da esperança que ilumina nossas ações e alimenta a nossa crença de que novos e preferidos mundos serão sempre possíveis, à luz de histórias preferidas e extraordinárias que toda pessoa tem. Resta-nos apenas construir andaimes” (Grandesso, 2008, p. 117).

### Referências

- Abdalla, L.H.A. (2020). Teenagers and the COVID-19 pandemic. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, [www.dulwichcentre.com.au](http://www.dulwichcentre.com.au)
- Almeida, B., & Müller, A. (2014). Jardim de flores: Uma experiência com grupos de famílias no contexto da socioeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(49), 73-87.
- Carvalho, A.S., Cavalcante, R. A. L. P, Oliveira Q. A. C. & Almeida G. L. (2022). Grupo com crianças no âmbito do Sistema Único de Assistência Social



- (SUAS) inspirado pelas práticas narrativas coletivas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(72), 23–37.
- Cesar, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 85-98.
- Cruz, H.M. (2008). Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 74-86, julho.
- Denborough, D. & Abdalla, L.H.A. (2019) Manual do tatame da vida. *Disponível em* [www.reciclandomentes.org](http://www.reciclandomentes.org).
- Grandesso, M.A. (2018). Domando a caballo de viento: la historia de Luisa, una experta en hacer planes para ser feliz. In. I. Latorre-Gentoso (org.) *Prácticas de Terapia Narrativa: voces Latinoamericanas tejiendo relatos preferidos*, pp. 15-38. Pranas Chile.
- Grandesso, M.A. (2012) Terapia da Família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H.M. Cruz, (org.) *Me aprende?* Roca Ed., 41-70.
- Grandesso, M. A. (2011). “Dizendo olá novamente”: A presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118.
- Grandesso, M. A. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação de crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz, (org.). *Papai, mamãe, você... E eu?: conversações terapêuticas com famílias com crianças*, pp. 101-126. Casa do Psicólogo.
- Guimarães, N.V. (2007). Michael White: um terapeuta acrobata. *Pensando famílias*, 11 (2), 141-164, dez.
- Laurentino, J. (2017). Considerações sobre práticas pós-modernas no trabalho em torno da desconstrução da identidade construída a partir do diagnóstico de transtorno mental. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 247-268.

- Lion, C.M. (2022). O uso de práticas narrativas em um grupo terapêutico com adolescentes em situação de sofrimento emocional. *Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.*
- Lion, C. M., Souza, L. V. E., Vidotto, L. T., & Centurion, N. B. (2023). Uso dos princípios narrativos em um grupo com adolescentes em sofrimento emocional. *Revista Da SPAGESP, 24(1), 17–32.*
- Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M.A. Grandesso, (org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas.* Curitiba, CRV, pp. 201-223.
- Morgan, A. (2007) O que é a terapia narrativa? *Centro de estudos e práticas narrativas.*
- Müller, A. (2013). Ritmos da Vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, no. 45.*
- Müller, A. (2012a). Troca de cartas no time da vida: Um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica, 21(42), 42-56.*
- Müller, A. (2012b). Ritmos da vida: Ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22(45), 34-46.*
- Novis, A. L. de F. (2016). Contos e terapia narrativa: possibilitando novas conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 25(55), 7–18.*
- Novis, A.L., & Abdalla, L.H.A. (2017). A despensa da vida: uma metodologia auxiliar ao desenvolvimento de histórias que promovem entendimentos de saúde diante de um diagnóstico de doença grave e/ou crônica. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22(45), 26–34.*
- Paschoal, Z.T.C.N., & Pereira, C.P.G. (2022). Uso de cartas na equipe reflexiva: acessando emoções e novos entendimentos. In M.A. Grandesso (org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras.*

- Paschoal, V.N., & Grandesso, M.A. (2014). O uso de Metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (48), 24-43, abril.
- Russell, S., & Carey, M. (2007). Terapia Narrativa: Respondendo às suas perguntas. *Centro de estudos e práticas narrativas*.
- White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.
- White, M. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Pacartes.
- White, M. (1993). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1991, N. 3, 21-40.
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. WW Norton.
- White, M. & Epston, D. (1992) Introduction. *Experience, contradiction, narrative & imagination. Selected papers by David Epston & Michael White 1989-19*.
- Winslade, J. (2017). Coaching de conflitos narrative. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 357-386.